

A CARREIRA DO "PAI-DE-SANTO" *

Anaíza Vergolino e Silva
Universidade Federal do Pará

1. TRAJETÓRIA IDEAL

A condição imprescindível para a "carreira" (1) de "pai-de-santo" é que a pessoa seja médium, isto é, seja reconhecida como pertencente a uma categoria especial de "criaturas que têm a possibilidade de servirem de intermediários nas comunicações entre o mundo visível e o mundo invisível". Na definição dos seguidores, percebe-se que a mediunidade é um recurso escasso por que é "faculdade que todos têm, mas é dom que só alguns têm" (2). No Batuque são reconhecidas quatro espécies de mediunidade: intuitiva, motora, clarividente e incorporativa, sendo que a "incorporativa" é considerada a mais importante. Por sua vez, esta valorização decorre da crença da existência dos "encantados", seres sobrenaturais que são espíritos que, para entrar em contacto com o mundo natural, tomam o corpo de pessoas ("cavalos") manifestando-se através das mesmas. Se um "médium de incorporação" é, por definição, aquele que tem o privilégio ("dom") de "dar passagem" a um desses espíritos, então "mediunidade de incorporação" é a verdade revelada, pois como bem acentuam os Leacocks (1972:170) "ela é a última prova de que os encantados realmente existem". Mediunidade não é um fenômeno hereditário, e por assim ser, uma pessoa filha de médiuns poderá ou não possuir as mesmas faculdades de seus pais. Diferentemente do que acontece no catolicismo, uma pessoa nascida e criada e/ou abra

* Este trabalho é um capítulo da Dissertação de Mestrado da autora intitulada *O Tambor das Flores: as bases sociológicas do poder religioso*, apresentada à Universidade de Campinas (UNICAMP) em 1976.

(1) Empregamos o conceito de "carreira" como foi entendido por Becker (1963), isto é, "a sequência de movimentos de um indivíduo para outra em um sistema ocupacional para qualquer indivíduo dentro daquele sistema" (1963:24)

(2) Definição coletada numa das aulas do Curso sobre Umbanda ministrado na Federação Ubandista do Pará.

gará, quando adulta, a religião de sua família (3). Além disso, toda a influência que a família exerce sobre a pessoa, reside no fato de que, por esta haver nascido num meio de entendidos, muito cedo pode ser identificada como médium, em função de capacidades sobrenaturais que porventura apresente ou nela se manifeste.

Quanto à identificação de um "médium de incorporação" pelo pesquisador, este é um problema que requer algumas considerações. Neste trabalho, por exemplo, situo-me na posição de Gluckman e Devons (1964) quanto aos limites de minha realidade na pesquisa. Para mim, os dados empíricos existem a partir de sua ocorrência. A possessão, por exemplo, existe na medida de sua aceitação social. E, assim sendo, trato deste fenômeno por uma definição sociológica e nunca por uma definição médica, uma vez que não pretendo discutir a normalidade psicológica dos médiuns, ou as relações psicossomáticas que possam ocorrer durante uma "incorporação". Em segundo lugar, defini Possessão como a "avaliação cultural da condição de uma pessoa e significa precisamente aquilo que se diz: uma invasão do indivíduo pelo espírito" (Lewis, 1971:46). Entendo "trance" como sendo um estado controlado da possessão, e que, à semelhança desta, existe com uma conotação social. Foi este tipo de identificação e reconhecimento grupal que considerei como sendo um fato social concreto e, assim sendo, tomei como válida a palavra dos membros do culto, pois "não sabe a não julgar quem está, ou não está realmente "possuído". Se alguém é considerado pelo seu meio como estando num estado de possessão pelo espírito então ele (ou ela) está "possuído" (Lewis, 1971:46).

No mesmo modo, durante as sessões assistidas, aceitei a definição do grupo para reconhecer quando, na realidade, um médium estava "incorporado" ou "manifestado de seu guia". As simulações existiam, mas rapidamente eram apontadas e divulgadas no grupo e na Irmandade, através de expressões de descrédito, onde

(3) Os Leacocks (1972:322) registram como causas dessa resistência o fato das moças se acharem feias quando "incorporadas" e por isso não serem rejeitadas pelos rapazes ("boys don't like mediums"). Da parte dos rapazes a inibição seria causada pelo estigma "ejetinado" atribuído a todo médium homem. Daí porque segundo os Leacocks existiram dois tipos básicos de médiuns masculinos: aqueles que participam total ou parcialmente das cerimônias (idem: 1972:196). O problema da Possessão relacionada ao homossexualismo masculino é discutido sob o título "Male Homosexuality and Spirit Possession in Brazil".

a mais comum era se dizer do "santo" de um médium: Dona Jarina na cabeça de fulano é santo de pegação⁽⁴⁾. Outra forma de se identificar a simulação, era aferida pelo comportamento entre os chefes de culto e os "santos de pegação". Quando um "pai" acreditava estar diante de um caso de "mistificação", ele obrigava o "santo" a cantar sua "doutrina original"; também mandava imediatamente trazer dendê fervente para que o "aparelho" o besse em público, ou ordenava o preparo urgente de um braseiro, para que o "santo" dançasse sobre as brasas. Podia publicamente jogar os búzios para confirmar se realmente havia algum "santo" querendo bagunçar o ambiente. Ou ainda, se o "pai-de-santo" logo à primeira vista identificava a "mistificação", ele envergava o médium cantando publicamente em voz bem alta a seguinte "dota".

O que é que há meu pai ?
 Tem pecador sem santo na Guma;
 Por que será meu pai,
 Pecador sem santo fingindo...

Os demais médiuns, que numa situação normal "salvavam" os "encantados", nestes casos ignoravam totalmente os "santos" o que vinha a ser um sinal evidente de que haviam percebido a "mistificação".

Quanto à introdução de um indivíduo na crença, dissemos anteriormente que, pessoas nascidas dentro do Batuque não necessariamente seguiriam a crença, de modo que a mediunidade de uma pessoa podia ser rejeitada pelo próprio indivíduo médium, que desta forma negava sua religião de tradição. Disto concluiu-se que a introdução de uma pessoa no Batuque, ocorre muito mais por conversão do que por tradição, sem contudo afirmarmos que a tradição não exerça alguma influência em determinados casos de filiação.

No Batuque, o processo de conversão ocorre de modo semelhante à conversão descrita anteriormente por Camargo(1961:78) em relação ao Kardecismo e Umbanda, em São Paulo. Numa primeira

(4) Santo falso. Simulação de transe. Por definição dos adeptos, a manifestação do "santo de pegação" ocorre sempre que o médium está querendo "fazer bandalheira" ou está "a fim de bandalheira", com seu companheiro sexual. Então o médium para não ser censurado pelo seu comportamento (muitas vezes indecoroso para aquele momento) "se atua" e dá como desculpa à mediunidade inconsciente.

fase, pessoas com problemas físicos, mentais ou sociais, buscam a cura nos terreiros; numa segunda fase, as curas são alcançadas e as provas da existência de um mundo sobrenatural são dadas às pessoas e a experiência termina por internalizar o fiel na crença se a conversão ocorre na idade adulta, a motivação é sempre "Illness, physical or mental (...) Marital difficulties, especially desertion and philandering spouses, are often interpreted as due to supernatural causes." (Leacock, 1972:121). pode-se acrescentar que a cura em si mesma é uma condição necessária, porém não suficiente para a "internalização" do fiel na crença. Permanecer ou não como membro do Batuque depende de outros fatores, como é o caso da simpatia e da identidade de comportamento social entre membros de um terreiro, cooperação para sobrevivência e até mesmo identidade de comportamento que exista entre o convertido e seu novo grupo de culto.

Se a filiação ocorre na infância ou na juventude, o momento decisivo da identificação de um médium se dá pela primeira vez em que o corpo de uma pessoa é dito ser tomado por espírito. Este fenômeno, ao qual já nos referimos anteriormente, é rotulado como sendo uma "manifestação" ou uma "incorporação". Existe uma gradação muito grande e uma variedade muito rica de "incorporações" e, mesmo que seja difícil estabelecer-se um modelo padrão é, possível, no entanto, estabelecer-se regularidade da carreira de um médium a partir do momento da primeira "manifestação".

As primeiras "manifestações" ocorrem geralmente na infância e se revelam quase sempre através de males físicos como tonturas e vertigens, ataques de nervos e falta de coordenação motora - sintomas esses conhecidos como "desfalecimentos". Esses males de ordem física podem ser acompanhados de acontecimentos e atos misteriosos, sejam eles fuga e retorno inexplicáveis ou provas de capacidade extra-sensorial da criança. A família, com ajuda de pessoas entendidas, poderá identificar a mediunidade da criança e, caso seja adepta de qualquer crença de caráter mediúnico, empenhar-se-á em "desenvolver" o novo médium. Este, como já dissemos, será ou não internalizado na crença. Na maioria das vezes, há reações por parte da própria família que, geralmente sendo católica, interpreta tais fenômenos como sendo "coisas do demônio", cuidando para que sejam feitos exorcismos com água benta e incentivando a prática da confissão, a fim de afastar aquela "perturbação". Se o médium crescer sentindo aquelas "perturbações" a toda e qualquer forma de seu

comportamento, que foi considerado pela sua família como "desviante" (bebedeira, homossexualismo, prisões, etc.), a justificativa será sempre sua "mediunidade mal desenvolvida". Há sempre um momento em que a família não consegue mais exercer nenhuma espécie de controle sobre aquele membro e, quando isto acontece, na maioria das vezes, ocorrem situações de conflito que de terminaram com o rompimento das relações do indivíduo com seu grupo primário ("sair de casa"), e provocam a sua filiação a outro grupo secundário ("morar com amigo", "morar no terreiro"). Por sua vez, o rompimento não se dá apenas para desenvolver sua mediunidade, mas também para que ele possa fugir de situações familiares intoleráveis (Fry, 1974:18), sobretudo se os choques tiveram como causa um "desvio" sexual, procedimento inadmissível numa sociedade que não hesita em censurar todo e qualquer comportamento considerado por ela como "anormal". Se o médium se convence de que sua "perturbação" é "mediunidade mal desenvolvida", ele, seguindo conselhos de amigos ("você tem que trabalhar", "Você tem que se desenvolver"), resolve um dia ceder à "missão" que lhe foi predestinada. Começa a frequentar uma "casa", na qual dependerá do seu "pai" ou "mãe-de-santo", não só pelas instruções a respeito das "obrigações" que terá para com seu (s) "encantado (s)", como também, em certos casos, pela sua própria sobrevivência (alimentação, moradia, etc.),⁽⁵⁾ uma vez que ele será sempre uma pessoa que tem problemas com a família, seja esta a de origem ou a de procriação.

O "pai" ou "mãe-de-santo" poderá, por meio do jogo de búzios, de um "passe", ou de uma "vidência", identificar qual (is) o (s) "guia(s)" do novo "filho", revelando qual o seu "Senhor(a)", seu "guia-chefe", quais os seus "passeadores". O médium verificará que ele poderá ter como "guia(s)" espíritos das seguintes categorias: *Senhores, caboclos, pretos-velhos, mestres, doutrinadores, exus*, ou espíritos em estado de "vodunço", "mana zagal" ou "erê", que serão confusamente dispostos em conjuntos chamados "famílias", "falanges" e "linhas" e "povo". Que

(5) Fry, registra que "os terreiros tem uma vida diária própria a qual é misturada com o ritual - eles são compostos do pai-de-santo e um pequeno corpo de pessoas que tomam conta do terreiro, cozinhando e lavando em troca de comida, moradia e dinheiro fornecidos pelo pai-de-santo. Muito frequentemente essas pequenas comunidades contem um número de "bóias" desempregadas ou com pouco dinheiro (Fry, 1974:18).

Alguns espíritos se locomovem de um conjunto para outro. Que alguns "guias" não tem popularidade (*pretos-velhos e atês*), enquanto outros o são ao contrário (*caboclos*). Que esses *caboclos* tem status social baixo, enquanto que outros (*senhores*) tem status social elevado (Leacock, 1972:156-69). Mas o novigo logo perceberá que os *caboclos* são ambivalentes porque em certos cultos se comportam como *senhores*, fazem o bem e pregam a moral enquanto que em outros cultos e ocasiões se comportam como espíritos desregrados, obscenos e maus. Que esses espíritos ambivalentes são perigosos porque são imprevisíveis e voluntariosos. E que a única norma que respeitam, é, durante as sessões públicas não "baixarem" antes dos espíritos moralistas. Portanto, desde cedo, o médium aprenderá que num "toque" ele deverá "salvar" e "chamar" primeiramente os "senhores", e só após as 23:00 horas é que poderá e deverá fazer a "vidência", isto é, "salvar" e "chamar" os ambivalentes *caboclos*.

Uma vez identificado (s) o (s) "guia(s)"⁽⁶⁾, o médium irá gradativamente conhecendo os "fundamentos de seu santo", aprenderá as suas origens e a enquadrá-lo na sua respectiva "família" ou "linha", Saberá reverenciá-lo (s) em qualquer que seja a "nação" em que ele(s) se apresente(m); *gegê, nagô, keto* ou *angola*. Aprenderá a manipulá-los em qualquer modalidade de ritual, seja *umbanda, mina, cura, quimbanda*, e até mesmo no ritual de "mesa branca". Saberá qual(is) a (s) marcação (ões) rítmica (s) da(s) "doutrina(s)" de seu (s) "encantado(s)"; se "valsa", "corrido", "dobrado", "socado" ou "marcha". Verificará que a mesma entidade pode "arriar" com nomes diferentes nos diversos rituais.

Cumprirá os "preceitos de boca do encantado" e as "obrigações do santo" (comida e demais ofertórios); providenciará suas "marcações" e à proporção que for se familiarizando com seus guias, dominará cada vez mais as técnicas de fazer *contratos e barganhas* com eles.

Perante a Irmandade, o médium iniciante começa a ser visto como mais um dos "filhos" da "casa de pai fulano", sem que este tipo de identificação seja responsável por sua notoriedade, porque a notoriedade de um médium é sempre um atributo particular e pessoal. A condição de ser um "médium de incorporação"

(6) Cada médium, embora possuindo vários "guias", tem mais contacto com dois deles. Estes, por sua vez, são sempre opostos em termos de comportamento e personalidade.

permite ao médium a possibilidade de "dar passagem" ou receber vários espíritos. Acontece que, a sua performance (na quase totalidade dos casos), será sempre mais marcante quando se encontrar "incorporado" com o seu "guia-chefe". Desse modo, o conhecimento e a fama de um médium se fará gradativamente, em função de um certo e determinado "guia" e este caráter pessoal da divindade, de que já falava Carneiro (1959:11) é uma constante no Batuque, onde temos casos de pessoas conhecidas como "filho de Japetequara", "Jair de Guapindaia", "Joãozinho de Mariana", Maria da Jutema", "Sabá de Jaguarema", etc., ou mesmo de auto-identificações onde o próprio médium usa expressões individualistas tais como: "eu carrego *Surrupira*".

Se a possessão se reveste de um "caráter socialmente esutilizado, e é o desempenho de um papel social" (Ribeiro, 1953: 251 e segs), a prova do conhecimento vem de fato de que "indivíduos devem comportar-se de forma apropriada a fim de provar que eles estão possuídos (Leacock, 1972:173). O aprendizado conveniente vai então ocorrer durante o "desenvolvimento" onde cada médium aprende "um papel, isto é, um grupo de comportamentos associados com uma posição particular num sistema social (...) também um número de sub-papéis...que se relacionam em encantados ou categorias de encantados" (Leacock, 1972:173/4).

Se o médium aspira a, um dia possuir sua própria casa de culto (aspiração muito controlada), a condição ideal é que ele seja "feito". "Ser feito" ou "ter feita" significa a passagem de uma pessoa através de diversas etapas de uma iniciação ritual. A importância da "feitura" reside no fato de que, por definição, somente pessoas "feitas" é que poderão, um dia iniciar e "desenvolver" outras. Uma vez que a pessoa aspire a ser "pai" ou "mãe" deve ter em mente que um líder não existe sem seguidores, e a condição para se ter seguidores é "ter-feitura".

A "feitura" é sempre um processo gradativo que começa com as "lavagens de cabeça" ou "confirmação/afirmação do anjo da guarda" e termina com a "raspagem". No momento em que um médium tiver a certeza de "carregar um santo", ele procurará de terminar "pai" ou "mãe" que "confirma" ou "sente o santo na sua cabeça". Após uma primeira etapa da iniciação ("lavagem da cabeça com os amacis"), seguem-se sucessivamente os "boris"-que são "feituas" mais elaboradas e dispendiosas. Uma "feitura" completa implica necessidade de muito tempo (um ano no mínimo) e

dinheiro (Cr\$ 1.000,00 a mais) por parte do iniciante. Geralmente, essas despesas estão acima de suas posses e, neste caso, elas podem ser financiadas pelo seu "pai" ou "mãe-de-santo". Uma vez que isto aconteça, o médium pagará sua dívida com trabalhos realizados em condição de servidão no terreiro⁽⁷⁾. Para alguns médiuns, talvez aqueles sem maiores ambições ou condições, a "feitura" é muitas vezes substituídas por "arregadas de obrigações", isto é, em lugar do médium se oferecer ao "santo", oferece a este em troca, bebidas, comidas, sacrifícios propiciatórios à entidade. A escolha da "feitura" é sempre uma decisão do "pai/mãe" do terreiro que o médium já frequenta. O "pai" faz a cabeça de um "filho" conforme ele acha que deve ser, mas na maioria das vezes ele dirá que teve uma "intuição", ou uma visão acerca do "preceito do santo" podendo mesmo dizer que consultou os "santos" através dos búzios para confirmá-la. De posse da certeza, compete ao "pai - de santo" "assentar" o "santo" no "filho". Normalmente o "guia" é sempre um "senhor", um "caboclo", ou um "preto-velho" mas pode haver a possibilidade de um "caboclo", por exemplo, decidir "vir como criança", o que é sempre revelado pelo "pai", em segredo, a seu "filho".

Essas interpretações do "pai-de-santo" serão aceitas porque cada "filho-de-santo" acredita que os encantados, à semelhança dos homens, têm personalidades distintas entre si, e que muitos deles são caprichosos e voluntariosos, que manifestam suas vontades aos homens através de seus "preceitos".

"Preceitos dos santos" são sempre normas relativas à doutrina ou ao ritual, que são dadas pelos encantados aos médiuns, sob a forma de ordens a serem obedecidas e cumpridas. O cumprimento dessas ordens recebe o nome de "obrigações".

O Preceito é mais frequente por ocasião da "feitura" do

(7) Esta é uma situação que não é muito frequente em Belém, pois que dentre todos os "pais-de-santo" com os quais trabalhei, encontrei apenas um deles que tinha sido "feito" nesta condição, mas sua "feitura" fora realizada fora do Estado, e no ritual do Candomblé. As demais "feituas", quando realizadas fora do Pará, tinham e têm sido custeadas por amigos e clientes do médium. As "feituas" realizadas na cidade são pagas com as economias do médium, as economias de sua família (se esta é de acordo), recebendo ainda ajuda de amigos e devotos do "guia" na "cabeça" daquele médium. Também há o sistema de cooperação interna: Os "irmãos-de-santo" se reúnem e cada um deles contribui com uma parte do material necessário (lençóis, bichas, taças, bebidas, alguidares, animais, etc.).

médium, e sua forma mais comum é aquela em que o encantado se faz conhecer integralmente pelo seu novo "filho". O encantado revela ao médium quem verdadeiramente ele é, em que "linhas" e le irá "trabalhar", e todas as alternativas de sua "manifestação"; além disso, revelará ao médium através de seu "pai" de que forma ele deseja vir na "cabeça" daquele "filho" dali por diante. A esta revelação chama-se "preceito do santo" e esta deverá ser cumprida e mantida em segredo pelo médium durante toda a sua vida. A única alternativa em que o médium poderá revelar algum detalhe sobre o "preceito de seu santo" ocorrerá se, uma incorporação pública do médium com seu encantado, alguém duvidar da presença daquele encantado na guma. Aí então o santo deverá cantar sua doutrina original para comprovar que ele realmente é quem diz ser.

Quando muitas vezes um médium faz inovações na doutrina e no ritual, ele pode perfeitamente justificar a inovação através do "preceito que o santo lhe deu" (8), e a justificativa quase sempre é aceita porque se acredita que os encantados já mais devem ser contrariados em suas vontades, e sendo seres muitas vezes violentos e vingativos, os médiuns temem seus castigos. Desse modo, eles nunca discutem os "preceitos de um santo" a fim de não irritá-los. Surge então uma série de disseminhanças como consequência do relacionamento pessoal de cada médium com seu(s) "guia(s)". A título de exemplo, citaremos o caso observado com a entidade Seu Tupinambá e seu relacionamento com tres médiuns por ocasião da "feitura" dos mesmos. No primeiro caso, o "filho" 1, teve como "preceito" "recebê-lo" como sendo Tupinambá na linha de ogum, quer dizer, o médium tinha que tratá-lo como um vodunço. No segundo caso, o "preceito" atribuído ao "filho" 2, foi recebê-lo como José Tupinambá, portanto um senhor; e, finalmente, no último caso, o "filho" de número 3, teve como preceito recebê-lo na "linha de Oxossi", isto é, como um caboclo. Desse modo, tínhamos tres classifica-

(8) Uma outra forma de se inovar, das mais usadas pelos "pais" e "mães-de-santo" é submeter uma inovação ao julgamento de seu "santo". Na casa de "mãe" Edith registrei uma série de "doutrinas" diferentes e que eram particulares de sua casa. Ela me explicou que, durante as noites, ela compunha novas "doutrinas" para seus "encantados" e que vez a manhã ela "jogava para o santo" para "ver se o santo aceitava". Geralmente dizia ela: "o santo gosta e aceita", a assim sendo, sua casa de culto era diferente das demais nesse particular.

ções para o mesmo espírito, e todas tres perfeitamente cabíveis dentro do sistema. Portanto, a personalidade dos espíritos, em última instância, é a causa das disseminhanças doutrinárias, de diferentes caracterizações e classificações para um mesmo espírito, e estas, à primeira vista, poderão ser tantas quantas forem as "cabeças" dos médiuns seu "cavalos". Os "preceitos" são portanto a causa das "marcas registradas" (9) dos médiuns que por sua vez são aceitas porque foram "pessoalísticos" e, conseqüentemente, disseminhanças; estas, por sua vez, conservam-se em razão dos "preceitos". (10).

É possível que o "preceito" acuse "guerra de santo" pela disputa do médium noviço. Neste caso, a autoridade do "pai-de-santo" será ímpar porque ele poderá decidir "afastar" um "guia" e "assentar" outro (normalmente cada médium tem sempre dois). A autoridade do "pai" é ímpar, ainda pelo fato de que ele pode trocar um "guia" por achar que aquele determinado "santo" não fica bem para aquele "filho". (11)

A "feitura" termina com a "festa de apresentação", onde é finalmente revelada para a Irmandade a performance de determinado "guia" em determinado "médium". O "filho", daí por diante, terá de ser o "santo" que lhe foi "assentado", quer dizer: ele não poderá mudar a performance do "santo" que lhe foi "assentado".

Para concluir: a "feitura" é o termo abrangente de um

(9) "marcas registradas" têm aqui o mesmo sentido do "caráter pessoal da divindade" de que falou Carneiro (1959:11) quando apontou as quatro características básicas dos cultos de possessão do Brasil.

(10) Anisando um paralelo, poderíamos dizer que, pela "inovação eclética constante", o Batuque seria semelhante a um banda (cada pessoa teria seu "preceito"), enquanto que no Pentecostalismo, devido ao "ritual fixo e pouco elaborado", o "preceito" seria único para todas as pessoas (Fry & Howe, 1975:78). Possivelmente o Catolicismo seria o meio termo, uma vez que existe uma "Santíssima Trindade" que é única, mas existem igualmente "Santos de devoção" dos fiéis.

(11) Caso que sucedeu com o "filho-de-santo" Pedro. Pedro "carregava" Oxum a Cabocla Jupira. Por direito ele deveria "ser feito" para Oxum. Mas, depois de muito pensar, seu "pai-de-santo" decidiu "afastar" Oxum e "assentar" a Cabocla Jupira com Pedro, alegando o seguinte: "ele lá ficar muito desminhecado com Oxum, por isso eu decidi botar a Cabocla Jupira nele, porque pelo menos ela é uma Cabocla guerreira, e assim ele não desminheca tanto."

processo de etapas sucessivas de iniciações. Todavia, quando alguém fala enfaticamente: "eu sou feito", isto significa que esta pessoa foi "raspada e cortada" o que significa a forma mais valorizada da "feitura".

O valor da "feitura" não está, porém, em si mesma. Seu valor depende de uma ratificação pela Irmandade que estabelece os critérios de peso, entre os quais os mais relevantes são: 1) o status religioso daquele que confere o grau a alguém; 2) o centro que confere aquele grau. É muito comum "filhos" se orgulharem de seus "pais-de-santo" porque muito de seu valor advém do valor de seus "pais". Os Estados da Bahia, Rio de Janeiro e, sobretudo, o Maranhão, com determinados "pais" afamados, são centros de formação dos mais respeitados. Por isso, alguém pode dizer: "sou filho de santo de fulano, que foi feito no Maranhão, na casa de Beltrano". Isto equivale ao grau de doutoramento em uma carreira universitária. E no caso em que ele consiga dizer: "fui feito em tal lugar, na casa de fulano, o mesmo que fez pai Beltrano e pai de cicrano", isto significa que ele alcançou a livre docência em sua carreira⁽¹²⁾. E, uma vez que ele foi eleito divino (teve o "dom" da mediunidade), e adquiriu competência ("desenvolvimento" e "feitura"), ele é, por definição, um "pai-de-santo".

1.1.-CONDIÇÕES REAIS DA CARREIRA

Sucede que não adianta o médium ter essas condições ideais, se estas não forem reconhecidas, em primeiro lugar, num contexto micro (sua casa de culto), onde ele dará provas de sua condição de "eleito divino" e também de sua competência mágico-religiosa, pois em todas as casas de culto há sempre um grande número de pessoas com as mais diversas ordens de problemas, buscando o "pai-de-santo" para solucioná-los. "Quebram

[12] Acontece que certo "pai-de-santo" de fama viajou para a Bahia, a fim de "se fazer santo". Lá permaneceu durante dois anos na "roça do Candomblé": Ao regressar a Belém seduziu-se "feito" com um "pai-de-santo" famoso, dizendo que havia se gasto Cr\$ 20.000,00 na sua "feitura", para tanto trazer do um rico guarda-roupa do "santo". A Irmandade acreditou no preço da "feitura", admirou e aplaudiu o bom gosto do Guarda-roupa do "santo", mas quando a "feitura" propriamente dita, esta não foi reconhecida porque acusou-se o dito "pai" de haver "comprado o santo", expressão que significa forçar o aparecimento de um "dom" que a pessoa não possui, ainda que esta pessoa possua mediunidade.

tos" "vida atrapalhada", desemprego ou má sorte no emprego, a abandono do lar, além de doenças incuráveis, são sempre tipos de problemas que buscam soluções nos "terreiros", nas "Santas", nas "Lendas". As "curas" nunca são cobradas, mas um "pai" não pode se negar diante dos pedidos aflitos de pessoas que o procuram, e dele esperam a caridade, a compreensão e a ajuda. Ele sabe que sua "missão" é "dar de graça o que de graça recebeu". Que esta é a finalidade de sua existência, e que a negação da caridade é a negação de sua condição de "eleito divino".

O cumprimento de sua "missão" será, portanto, a principal atividade de um "pai-de-santo". As demais ocupações que porventura tenha, terão que ser periféricas a ela, de modo que é sempre muito difícil encontrar-se um "pai-de-santo" de sucesso que seja um assalariado. A atividade de uma casa-de-culto, na medida em que exige tempo integral,⁽¹³⁾ chega inclusive a alterar a vida particular e doméstica do médium. Muitos médiums jovens, rapazes contavam que tiveram que "sair de casa" para poderem "cumprir sua missão". Algumas "mães", em seus depoimentos, narravam que haviam abandonado os maridos porque seus deveres de esposa "atrapalhavam e não davam certo com a vida do santo"; que haviam tentado, mas tornara-se impossível conciliar as duas funções porque, conforme diziam: "o mundo dele (do marido) era diferente do meu".⁽¹⁴⁾ E que, portanto, haviam preferido lutar sozinhas pela vida afora, criando seus filhos, contando apenas com a proteção de seus "guias", dos quais diziam: "graças a Deus nunca falharam". Algumas mulheres contavam que, quando "filhas", custeavam os gastos de seus "santos" e de sua prole, "de bruxadas em tinas" (lavando roupa), cozinhando, costurando ou

[13] A atividade de uma casa de culto é incessante. Da pauta se manua de cada uma delas constam sempre "toques" e/ou sessões de Umbanda, de "cura" e até mesmo de "mesa". A cada dia da semana corresponde uma atividade específica, de tal modo que cada "pai-de-santo" se vê envolvido com o cumprimento de "obrigações" dentro ou fora da sua casa (ruas, igarapés ou praias), com o planejamento de "toques" como o jogo de búzios, cartas, vidências, respostas, etc., tudo isto para o atendimento de sua clientela. Todavia, entre todas essas atividades existe uma que é mais penosa, a Cura.

[14] Caso de "Madame Vulcânica", cartomante e vidente famosa. O marido de Vulcânica era "comerciante forte", muito católico, e bem relacionado com o Arcebispo, a quem prometera fazer sua mulher "largar um dia daquela vida". O exemplo mostra a possibilidade da mulher utilizar esses cultos "periféricos" no contexto das relações marido x mulher, (Lewia, 1972:63/99).

bordando. Os homens haviam trabalhado em toda a sorte de biscates, e aqueles que possuíam profissão ou ofício (marceneiro, pedreiro) haviam deixado seus empregos a fim de "viverem p'ro santo". A maioria vivia só, sem maridos, mulheres ou filhos. "Pais" e "mães" eram sempre desempregados, e o dinheiro que arrecadavam de suas atividades (jogos de cartas, búzios etc) era incerto, porque, dependia da sorte de aparecerem ou não os consules. O pagamento das "curas" normalmente se destinava ao "encantado", e constava sobretudo de "vestimentas p'ro santo". Quando o pagamento era feito em dinheiro, o "pai" não podia ostensivamente lançar mão do mesmo para beneficiar sua pessoa. Isto porque, é de praxe no Batuque, comprovar-se para o doador a forma de utilização de seu dinheiro, isto é, mostrar que o dinheiro foi investido com o "santo". E, se na casa "entrava muito dinheiro" o "pai" não podia usá-lo em ostentação material porque sabia de antemão que, se assim procedesse, sua atitude resultaria no seu descrédito, porque ele seria imediatamente apontado como um "proveitador" de sua mediunidade. (15)

Portanto, é uma casa de culto que realmente se faz a cara de um "pai-de-santo": é nela que ele demonstra sua condição de "eleito divino" e patenteia a sua competência na prática mágica (eficácia de suas "curas"). A importância desse contexto micro vem do fato de que, é o seu bom desempenho à frente de uma casa de culto, que o faz existir como "pai-de-santo" para o contexto macro, (Irmandade). Por sua vez, uma casa de culto-seja ela um terreiro, Seata, tenda ou cabana, necessita de um espaço mínimo para a realização das cerimônias, isto é, de um battucão, salão ou varanda. Necessita também de alfaias e, no caso de um terreiro, serão necessários instrumentos musicais para a realização dos "toques", mesmo que este seja um tambor de sala. Do ponto de vista da organização interna da casa, faz-se necessária a existência de um corpo hierárquico que auxilie o "pai-de-santo" na direção e na rotina diária das "obrigações" e dos "trabalhos": "mãe-pequena", "filhos", "abatazeiros", "ogans",

(15) Deve-se estabelecer uma diferença entre pagamento de "tributos de casa" (doenças) e pagamento de "trabalhos de sorte" (cartomancia, quitomancia, vidência). Este último tipo, quando se destina à obtenção de êxito amoroso, sucesso pessoal, etc., é remunerado, e seu preço depende do contato entre as partes; podendo o pagamento ser fixo sob o sistema de prestação (creditação) que por sua vez não deverá exceder o prazo de seis meses.

etc. para ajudá-lo no atendimento dos clientes, e em rituais especiais, como num "tambor de peia", de "misericórdia" "tambor de choro" ou de "alegria". Também é necessária a existência de um público externo e interno, a "bela assistência" - , que comparando à casa, prestigie as suas atividades. E, uma vez que o "pai-de-santo" dificilmente é um assalariado, ele precisará, sobretudo, de clientes e de seus "filhos" que serão os financiadores de sua profissão.

Em síntese, diríamos que cada "pai-de-santo" é dependente de uma casa de culto e esta, para existir, depende de "filhos, clientes, amigos e também de bela assistência. Estes juntos, reconhecerão o "dom" que o "pai-de-santo" diz possuir, irão validar sua competência, serão a garantia de sua sobrevivência material e, finalmente, lhe darão notoriedade e prestígio. Isto significa dizer que o status de "pai-de-santo" não é atribuído a um médium, simplesmente porque este recebe da "graça divina" o "dom da mediunidade", mas sim, porque ele foi assim acreditado pelo grupo - razão pela qual ele fala e é ouvido pelo mesmo grupo, no contexto de sua casa de culto. (16)

Sucedo que, para o grupo, esta medida de valor é definida por critérios ambíguos. Quando se pergunta a alguém do Batuque que é preciso para um médium ser um "pai-de-santo", tem-se como resposta: "é ele ser feito". Mas quando se compara critérios ideais e realidades concretas observadas, comprova-se que a definição ideal é inconsistente.

A afirmativa procede das observações entre os "pais-de-santo" da Federação (dirigentes e demais sócios). Na direção daquela Instituição há dez anos que atuam doze "pais-de-santo", dos quais a maioria não têm os requisitos necessários, nem para ser chamado de "pai", nem para ocupar os cargos que ocupam. Apenas um deles possui "feitura": cinco têm apenas "assentamen-

(16) A afirmativa procede de Worsley que mostrou que o apelo carismático, se depende de atributos e características de personalidade, ou sobre o desempenho de certos atos, ou ambos, para que isto se torne as bases de uma ação social coletiva, necessita de ser Ferozmente investida com significado e executada por outras significativas pessoas, ou seja aquelas que respondem ao apelo carismático. O mesmo reconhecimento de que X dispõe de qualidades incomuns é, em si mesmo, um processo social complexo, vinculando a a valiação de X por outros, de acordo com algumas medidas de valor: tais qualidades devem ser registradas e avaliadas positivamente sob as duas formas - cognitiva e emocional (Worsley, 1968: XII).

to de anjo de guarda" (grau preliminar); e alguns, como o Presidente do Superior Conselho do Ritual, nunca possuíram sequer um "pai-de-santo" porque nunca frequentaram uma "escola de desenvolvimento". Dentre os 301 sócios coletivos (portanto, "pais" e "mães-de-santo" que possuem casas de culto), existem alguns que possuem "desenvolvimento", e outros que se sabe possuírem "feitura" mas que, nem por isso, ocupam ou já ocuparam uma posição de destaque dentro da Federação. Isto significa dizer que nem todo médium "feito" é aceito, como também que muito médium aceito não é "feito". O Presidente do Superior Conselho Ritual (que há oito anos consecutivos ocupa esse cargo) não é "feito", e no entanto goza de grande prestígio, fama e acatamento ou consenso, quer na Federação, quer na Irmandade. Para outros casos, "pais-de-santo" "feitos" fora do Estado do Pará, não conseguiram nem que seus "guias" fossem aceitos pelo consenso da Federação ou da Irmandade - o que demonstrava taxativamente que o sucesso de um "pai" não dependia de atributos ideais - no caso, a "feitura" - muito embora a mesma fosse sempre referida como um Critério básico e de peso. Havia, portanto, a necessidade de se redefinir o consenso. Desse modo, quando procurei traçar um modelo que desse conta de explicar o que faz o sucesso de um "pai-de-santo", tomei a "feitura" como ponto de referência. Do grupo dirigente da Federação, retirei dois casos que me pareceram representativos, por serem os extremos dessa condição; um "pai-de-santo" de "feitura" completa, e outro sem nenhum tipo de "iniciação" - ambos, porém, possuindo igual status ao nível da cúpula da Federação. Levantei a biografia desses dois "pais-de-santo", na tentativa de encontrar regularidade nas suas carreiras e que pudessem ser generalizáveis aos demais elementos.

O modelo traçado a partir de biografias apresenta, porém, limitações decorrentes das próprias restrições da técnica de pesquisa utilizada - no caso, a história-de-vida. A principal dessas limitações é que a biografia é sempre uma construção retrospectiva e, por assim ser, ela se torna um mito no qual o informante seleciona episódios ou eventos que lhe parecem significativos em sua experiência vivida. Neste sentido, existiria sempre um fato vivído que ocorre para além do episódio vivído relatado num depoimento. Na verdade, o depoimento dos entrevistados prestava conta da identidade social de cada um deles, de acordo com uma auto percepção valorativa, enquanto que, em contraposição, havia um outro tipo de relato moral

mente negativo, surgindo de alguém que afirmava haver conhecido o passado vergonhoso daquelas pessoas. Deste modo, cada biografia que me era apresentada se mostrava "...en marcado contraste com a multiplicidade de vozes que se descobrem em el individuo cuando se lo observa desde la perspectiva del rol social, donde si maneja adecuadamente la segregacion de la audiencia y del rol - puede sustentar con bastante habilidad vozes diferentes, y, hasta cierto punto, pretender que ya no es mas algo que ha sido" (Goffman, 1970:80).

Nos depoimentos dos entrevistados encontrava-se períodos em branco que, provavelmente, seriam parte desse seu "passado sombrio". Havia, por exemplo, de parte do informante, relutância em explicitar o que fizera no período imediato ao rompimento com sua família, ou porque a família não gostava de algumas de suas amizades, ou ainda, o que a "vida no santo" significava para sua família além de "coisas do demônio". Sobre essas etapas da vida de cada um dos informantes, por questões de bom senso, não fazíamos perguntas diretas pois, se de fato elas representavam o "passado sombrio e vergonhoso" de cada pessoa, uma pergunta direta teria dupla consequência: ou a configuração dos fatos, ou a mentira hábil (Goffman, 1970:81). Também podia suceder que os fatos tivessem sido omitidos por serem na realidade, irrelevantes para a pessoa; ou que o encobrimento seria sempre uma barreira, surgida do condicionamento social do pesquisador: "mulher - professora - classe superior" - portanto um elemento limitado na sua identificação com o entrevistado. Deixávamos então, que cada informante falasse livremente sobre seu vivído.

Nesse particular, a vivência na pesquisa (confiança) ajudava muito, pois fornecia, não só a "confissão" de um passado estranho das pessoas (condição de interesse secundário) como também fornecia a identificação social daqueles informantes, tal qual era percebida por eles, e pelas demais pessoas que o cercavam. Isto significa dizer que, no caso da ambiguidade das informações, a técnica de pesquisa utilizada transformou-se num instrumento válido, pois representou o meio terreno entre a visão que o informante queria ter de si mesmo, e a visão estereotipada ou não, que o consenso da Irmandade tinha a respeito dele.

Levando em conta essas considerações, os dois casos escolhidos nos pareceram representativos.

2 - DUAS TRAJETÓRIAS REAIS

2.1. CASO "A"

É solteiro, paraense de Belém. Sempre viveu "p'ro san to", o que o faz defasar no contexto de sua família.

Ao mesmo tempo em que se valoriza por ser "filho legíti mo", demonstra a consciência de sua condição de "ovelha negra" da família: "me eduquei porque meu pai era um preto de preg tigo e era solicitador. Tenho meus irmãos, minhas irmãs, to dos formados: o único que não se diplomou fui eu porque meu diploma é esse. Eu cursava o 2º ano ginásial quando me apare- ceram essas coisas... minha mãe e meu irmão eram contra isso, mas vendo meu sacrifício, que eu estava sofrendo muito, bebia muito quando Seu Exu chegava... o jeito que teve foi deixa rem". Vendo-se "perturbado", sem ajuda da família, A procurou uma "mãe-de-santo", que se recusou a ajudá-lo, dizendo que não podia "dar jeito" nele.

Por volta da década dos 50, conhece os integrantes do 199 B.C. da Bahia, que estava de passagem por Belém. Fez amiza de com aqueles militares e recebeu convite para ir à Bahia "porque eles gostaram de ver meu modo de dançar". Viajou para aquele Estado, mas confessa que lá não teve apoio de seus ami gos militares. Na Bahia foi que conheceu muita gente " do san to": Luidinho da Formiga, pessoa com quem morou e que muito "lhe prestigiou", conheceu a "mãe-de-santo" Iza, os "pais - de santo" Manoel Cândido de Souza e Manoel Rufino, com quea "fez o santo". Fez seu santo no Terreiro do Beru. Nesse Terreiro foi onde "eu deitei, raspei, pintei e catulei e tenho um irmão de dentro da lei de São Salvador que prova: Foi "feito" pra Oxumã tã, santo seis meses do ano fêmea, seis meses do ano macho, mas diz que houve guerra de santo na disputa do filho: "um dia eu estava na roça do "pai-de-santo", então eu vi "meu-pai-de- san to" conversando com minha "mãe", que foi minha "mãe-pequena" : Iza, como é que nós vamos fazer com esse homem ? Tres santos grandes". Ela disse assim: " Olha Rufino, vamos fazer uma coi sa: joga Oxã Ogum Edê, bota Oxum pra Oxumãtê que é o que ele sente porque é grande, bota Oxum como a genitora dele. E foi assim que fiz... eu raspei Oxumarê e sentei Oxum como a genito ra e Oxã Ogum Edê ficou parte. "A guerra de santo todavia não lhe deu nenhum problema. Sobre sua "feitura", relembra que so

freu "o que o diabo enjeitou no inferno por causa desse santo, porque eu não tinha dinheiro, não tinha nada e meu "pai-de-san to" exigia coisas absurdas. Eu lavei roupa, dava banho nas fi lhas dele, cozinhava, fazia tudo por causa do santo que eu ti nha feito. Eu passei tres anos na roça do candomblê pra pegar o santo que eu tinha feito de graça. Já "feito", um dia seu "pai-de-santo" o chamou e disse: "meu filho, você já está ho men feito no santo, agora vá procurar sua vida". A, que não tinha para onde ir, acabou indo morar com uma irmã-de- santo que vendia pato no Forte de São Pedro. Depois andou pela casa' de outra irmã-de-santo, até que "me dei com um rapaz amigo que tinha casa no Rio de janeiro e que me disse: "Olha, Gorense, por que tu não vais embora para o Rio ? Aqui na Bahia não está dando mais prá ti". O amigo lhe deu passagem e ele seguiu para o Rio de Janeiro, onde permaneceu um bom tempo lá. " fazendo " duas " filhas-de-santo". Conta que na Bahia e no Rio de Janei ro dançou nos maiores candomblês, e lá se deu com "muita gen te boa": Tancredi Nunes, Átila Nunes, Tancredi Oliveira, José Ribeiro, pessoas que ele considera "grandes no candomblê", e com quem ele "combatia". Outra grande amizade sua foi José Ri beiro, repórter da revista " O CRUZEIRO". Naquele tempo, José Ribeiro fazia viagens para a África, e numa daquelas viagens levou François, "onde eu vi Nanã Batuquê, eu vi Oxumarê, eu vi Van, Oxum, Xangô: tudo isso eu vi. Vi sim. Na volta da África eu concedi muitas entrevistas, e até saí naquele livro do Pier ra Verger": Após regressar, permaneceu no Rio e "aí eu vim a Belém. Passei seis meses aqui, aí eu voltei para o Rio. Foi nessa minha ida para o Rio que não prestou mais para mim. Per di minhas jóias todas na Caixa Econômica. Perdi tudo. Não sei se o santo estava aborrecido. Não sei o que foi ". Resolveu voltar para Belém, com passagem dada por uma senhora que ele conhecera da primeira vez que estivera em Belém, porque " ela gostou muito de mim, porque tinha um problema na vida e quem resolveu foi Seu Juremeia na minha cabeça.

Conheci-o nessa época em que acabava de estruturar um Abassã, no qual ele era babalorixã. Um dia teve uma desavença com uma "filha-de-santo" da casa. O conflito resultou em dela ções de assuntos particulares das pessoas envolvidas na briga. Houve denúncias e registros de queixas na polícia. Ele foi presy. " Não posso negar, todo mundo sabe disso; o jornal rag gu...eu me aborreci, e quando saí da prisão às tres horas da

tarde viajei para Manaus. Ao voltar de Manaus, abriu sua casa de culto.

Por ocasião da pesquisa, estava recém-mudado e não havia terminado de "levantar seu barracão". Mas, embora seu "terreiro" não estivesse "tocando", não estava parado, pois continuava suas atividades de jogo de búzios e de cartas, enquanto que seus "filhos" em suas respectivas casas, esperavam a reabertura do "barracão" de seu "pai". Dos seus clientes de búzios e de carta ele angariava um dinheiro insuficiente para seu sustento, mas esperava juntar uma importância para reinaugurar seu terreiro. Contou que recebia muita ajuda dos clientes e, naquela ocasião, disse: "amanhã mesmo vai estar aqui o dinheiro para eu ver o material da roupa que o santo vai usar na inauguração. Eu tenho uma filha-de-santo que é casada com um rapaz que conseguiu uma graça aqui na minha casa. Então ele veio a mim e disse que vai dar a roupa do santo, que vai gastar tudo, vai patrocinar a festa. E ele já está gastando tudo. Mas eu já soube que andaram cortando, dizendo que é feitiço para Exu, porque a festa é para Jakupatã, caboclo com parte de Índio, mas que agora está com Exu. Mas eu não ligo que cortem, porque eu não me comparo, não tenho medo, não tenho receio de me confrontar com nenhum deles.

2.2. CASO "B"

É solteiro, paraense de Belém. Conta que nasceu no ano da Revolução de 30 "numa casinha muito humilde que tinha um caminho que "virava lá pra Estação, e por onde os soldados passavam por dentro da casa para fugir para Bragança". Seu pai era "estudante para aviador, não era casado com minha mãe e foi-se embora". A mãe ficou criando a ele e a uma irmã com "avagens de roupa, com muito sacrifício".

A mãe e os dois filhos mudaram-se para um "quartinho". A mãe continuava "lavando roupa pra fora" e sustentando a si e a seus filhos. Aos 12 anos, foi trabalhar na Prefeitura, como "menino do reco-reco" para ajudar a mãe e irmã, que nesse tempo já havia se tornado lavadeira junto com a mãe. O rapaz, se empregou em "casa de família" como cozinheiro. Depois, ainda na mesma profissão, empregou-se em pensão de meretrício. Nesse tempo "fui pegando o negócio da mocidade, fui morar na casa de um amigo; eu dizia para mamãe que eu dormia

no emprego, mas era mentira, eu morava na casa de um "amigo". Depois de certo tempo, começou a sentir-se "perturbado", e deu para beber. Um dia, conta que foi convidado para um aniversário. Saiu do emprego e foi direto para a festa. Levava consigo o dinheiro da feira do dia seguinte. "Era uma festa de rapaz solteiro, e nós pegamos dois litros de cachaça, botamos numa panela com meio quilo de açúcar, e quem mais bebeu dessa cachaça fui eu. Depois eu perdi os sentidos e só acordei lá pelas cinco da tarde. Os rapazes me contaram que eu me batia muito, me jogava no chão parece maluco. Quando eu acordei, dizem que foi quando eu me atuei (mais eu não acredito porque eu estava com muita cachaça na cabeça). Mas o fato é que, quando eu recobrei os sentidos eu fiquei bom, pra mim eu não tinha tomado nada; Eu me despedi e fui embora, mas no caminho tornou a me dar vontade de beber, aí eu entregi no bar e bebi o dinheiro todinho das compras do mercado. Tomei o dinheiro todinho em cerveja. E depois fui a pé para casa... Depois, os meninos que estavam no aniversário disseram que eu tinha *uma matiana*, e que ela tinha dito uma porção de coisas para mim não fazer mais. Mas aí eu disse a eles: "ora, vocês vão atrás disso, eu estava era com a cabeça cheia de cachaça". Passados dois meses, foi a um pic-nic num igarapé, onde voltou a beber muito. Nesse pic-nic "eu peguei uma pira" (sarna) que eu trabalhava sabe de us como... tomei muitos remédios, remédios frescos, injeções, tudo que minha patroa dava lá na pensão, mas nada de ficar bom. Quando fez quinze dias que eu tinha ido lá no igarapé, eu *assanehei* bom, bom, bom. Eu fiquei duvidando e tornei a ir noutra pic-nic, aí eu adoeçi novamente do mesmo jeito mas *passé!* só oito dias doente... Eu tinha nesse tempo uma patroa que me devia um dinheiro e não queria me pagar, então eu disse que se era alguma coisa de caboclo, que fizesse a patroa me pagar que eu então cumpriria as obrigações que ela tinha mandado. Com dois dias a patroa me pagou, então comprei uma "espada" para *João Matiana*... aí eu deixei todas as coisas que ela mandou que eu deixasse e eu fiquei trabalhando cumprindo com minha obrigação".

Depois desses acontecimentos, ele conta que morou com outro amigo, que estando "malinado" pela sua "mãe-de-santo" pediu a ele que passasse a atender seus clientes. Assim, gradativamente ele foi ficando conhecido de pessoas "mais elevadas". "Uma senhora achou que eu devia nessas alturas sair daquele em

prego de pensão, porque não ficava bem para mim... eu saí do emprego... comecei a fazer uma sessãozinha. Dona Mariana sempre fazendo uns remédios, passando um banho, eu fazendo conforme e la mandava, que é que estou aqui até agora".

Sem ter nenhuma espécie de "desenvolvimento", nem tam pouco frequentado nenhuma casa de culto na categoria de médi um, diz que tudo que faz é "por intuição dos guias"; " porque a sua mediunidade é do tipo "inconsciente". Mesmo a "abertura" de sua casa foi feita com o auxílio dos "guias"; " muita gen te queria vir abrir a minha casa e eu achava que não devia por que o pessoal de fora não me conhecia, não sabia que eu tinha isso. Então eu achava que eles vinham para me humilhar, dizer que eu não era de nada e já ia abrir casa e tudo, então pedi aos meus guias que me orientassem... tanto que eu comecei a mi nha casa com o toque de Auetate, não abria com Embarrabô; De na Jatina foi que me ensinou, fez várias sessões ensinando pras meninas como era que se cantava e tudo que era pra gente abrir a casa".

"Quanto às minhas filhas, elas começaram a se tratar uma por causa de uma coisa, outra por causa de outra, problema de marido, problema de doença - nas sessões que eu fazia nas segundas e sextas que começavam de tarde, entravam pela noite e, às vezes, iam pelas duas, tres horas da madrugada, e eu já não tinha sossego. Esse pessoal morava por aqui e já andavam se tratando com A, B, C e não ficava bom e começaram a procurar aqui. Foi correndo um boato que tinha um pajé por aqui, o pessoal começaram a vir e nesse ínterim pegavam santo e iam se acostumando e ficando. Tinha gente que vinha para cá com problema de doença, desengano de médico; aí, Dona Jatina trabalhava, ou nesse tempo era até mais Dona Jatina que ajeitava, e com isso o pessoal ia seguindo.

Não sendo "feito", não "faz" as suas "filhas": Suas filhas são "feitas" pela "mão-do guia" na sua "cabeça". Aliás, ele diz que "filha feita" tem apenas duas, as demais tem apenas nas "bancas de cabeça" "pra elas se desenvolverem bem". Toda via, ele se considera um "profissional", pois diz "viver apenas pro santo" "cumprindo sua missão" e relata sua semana (17)

(17) Trabalhei basicamente com um diário semanal que pedi ao pai-de-santo e escrever, pois o terreno de A estava em acesso por motivos de construção. Todavia, em função das observações feitas, constatamos que esse tipo de atividade é comum a outros terreiros com os quais convivemos.

2.2.1 - A SEMANA DE UM "PAI-DE-SANTO"

Às sete horas de uma quarta-feira, levanta, toma banho, toma café e vai à casa de uma senhora que mora próximo à sua casa. A senhora está aflita com o problema de seu marido fora de casa. Ela pede ajuda para o "pai" porque ela não quer ser abandonada pelo marido; ela tem filhos para criar. Na volta da casa da cliente, ele encontra uma outra senhora, dona de uma seara em outro bairro. Ele conversa rapidamente com ela, e se interessa em saber sobre sua saúde; sobre sua operação recente. Em casa, à tarde, atende a uma terceira senhora que viera de um município vizinho para lhe pedir que jogasse búzios para ela.

Na quinta feira, ele acordou mais cedo ainda, às 6:30 hs. para fiscalizar o preparo do "afurá" e demais "obrigações" que estão sendo feitas para saudar Santa Maria. Às 8:00 hs., ele atende a uma senhora que fora acertar com ele um "trabalho". Às 10:30 hs., atende a um rapaz que lhe pede um jogo de búzios. À tarde ele tem sessão de "cura". E, nesta tarde, ele toma um "suador" das 15:00 às 16:00hs. são duas meninas uma de oito, outra de dez anos, que foram levadas à sua presença, vítimas de "espíritos obsessores". Os espíritos estavam rebeldes, os "trabalhos" foram cansativos, um "pau-de-arara" terrível.

Nesta tarde, depois do "pau-de-arara" ele ainda teve que iniciar as "obrigações" de praxe. Uma das meninas "sombrou-se" já quase no fim da sessão e, por esta razão, a mesma estendeu-se até às 22:00hs., já "puro", confessava-se cansado, mas esperou até o fim da "incorporação" da menina.

Na sexta feira, logo pela manhã bem cedo, o pai das meninas o procurava para falar sobre a situação das crianças, e também para pedir remédios para suas filhas. Ele atende, e também acalma o pai e dá-lhe remédios. À tarde, atendeu a um universitário que tinha um trabalho de pesquisa para realizar e precisava de ajuda (informações).

No sábado, cumpre com seus deveres institucionais. Foi à sede da Federação, porque teve de presidir à reunião do Conselho do Ritual, do qual é presidente; no final da reunião prestígio o coquetel de encerramento do Curso e entrega dos diplomas às alunas que terminaram o "curso sobre Ritual Juema".

Após o coquetel, ele e amigos vão juntos ao aniversário de um "filho-de-santo" de lá voltando às 4:00 horas da manhã.

No domingo, Tóia Jatina estava fazendo aniversário na "Coroa de um filho-de-santo" de sua casa. O rapaz completava 78 anos de idade, e ela completava quinze anos "em cima dele". Ele estava decidido a fazer uma pequena "obrigação" para ela. Decidira "tocar" somente para a data "não passar despercebida". A festa planejada para ser pequena, acabou sendo bastante concorrida, pois estiveram presentes outros "pais-de-santo", médiuns de outros terreiros, o "pessoal da Federação" (amigos), muita gente da vizinhança. A festa acabou atraindo um bom número de pessoas e o barracão ficou lotado. Havia cerveja, pastéis e salada feitos pelas "irmãs-de-santo" do rapaz.

A festa perdurou até às 2:00 hr. da madrugada.

Na segunda-feira, ele não teve clientes.

Na terça-feira, novamente os clientes não apareceram. Mas talvez tivessem aparecido, e não tivessem sido atendidos. É que o "pai-de-santo" passara o dia apurando uma "fococa" que havia surgido no dia anterior entre as "filhas-de-santo" de sua casa e da casa de um "pai-de-santo" amigo.

3. - ANÁLISE

Tomadas em conjunto, as duas histórias de vida nos mostram os dois como "pais-de-santo" cujos atributos, quer pessoais, quer "no santo", são opostos. Um se diz de boa origem e, apesar de descender de preto, "se educou porque o pai era um preto de prestígio".

O outro é branco, e mesmo que tivesse sido filho de um "estudante para aviador", ele era filho de mãe solteira, lavadeira, e diz que se criou "com muito sacrifício".

Em relação à "vida de santo", um tem "desenvolvimento" completo ou seja, a burocratização exigida para se envair a dizer: "deitei, raspei, pintei e catulei meu "santo"... o problema é esse, eu sou um homem realizado no "santo"... o outro, ao contrário, não possui nenhuma condição em termos de carreira religiosa, e ele mesmo não esconde suas limitações quando declara:..... ninguém lavou minha cabe

na e me fez no santo". (18)

Não obstante, essas diferenças individuais, de valores religiosos e profanos, se diluem diante do julgamento da sociedade envolvente. Tanto um quanto outro são "mineiros", portanto para a sociedade eles são apenas "macumbeiros". Sem do homens que optaram pela "vida no santo" e que negaram valores e padrões sociais, eles não passam de "bichas" e "desocupados" aos olhos da cidade. E, para ambos, a sociedade tem apenas uma resposta: negar a eles toda e qualquer oportunidade de participação nas esferas do poder; pois sem profissão reconhecida, consequentemente não possuem renda, nem gozam dos privilégios daqueles que possuem status social alto.

Em contraposição, a Irmandade trata ambos como iguais. Aceita-os como pessoas importantes, pois aceita o status religioso de ambos. Reconhece que, possuem "dom" e que são médiuns que realmente carregam "santo", pois um é respeitado com Dona Mariana, Dona Jatina, Seu Rompe Mato, Tóia Zerinho, Seu Pequeno, Exú ENXABÔ; Enquanto que o outro é reconhecido com Oxumaxê, Franca Rua, Seu Juazeira e seu Boiadeiro. O reconhecimento é comprovado na medida em que ambos, com ou sem a condição "feitura", estruturaram suas casas de culto, galgaram posições de mando na Instituição de classe (Federação), e se fizeram notórios dentre a maior parte das fações da Irmandade Umbandista o que significa dizer que a condição

(18) A possibilidade de médiuns alcançarem o status de pai-de-santo, mesmo não tendo "feitura", deve-se ao surgimento dos chamados "Candomblês do Caboclo". Landes (1967:290) registra que "os cultos caboclos relaxaram grandemente as restrições que cercam as mães" que "sustentam o direito e muitas vezes sem terem sido "feitas"; e que o seu ajustamento mais radical da tradição nagô é que os homens podem tomar-se chefes de culto caboclo". Carneiro (1959:17) também comenta esse candomblê e diz: "a iniciação pode... deixar de verificar-se de todo (com domblês de caboclo, Bahia) ou a iniciada se desenvolve ao mesmo que participa com as mães antigas das cerimônias religiosas (macumbos); a vestimenta pode ser sacerdotal (o carente, possuído pela divindade, se paramenta com as vestes sagradas deste, como na Bahia), ou sem quase destas coisas (Belém e Manaus). Assim sendo, são perfeitamente cabíveis as duas modalidades de carneira, o que não exclui as "derrubações" (pais-de-santos, "feitos" depreciados os "sem feitura)". Todavia, mesmo isto ocorrendo, eu considero ambas as carneiras como válidas, sem achar que os "candomblês de caboclos" relaxaram de um "modelo" original" na gô.

"feitura" não é tão relevante como idealmente afirmam os médiums. Diante dessa constatação, pensamos que o sucesso de um "pai-de-santo" tem início quando ele começa por responder às expectativas de um grupo que, em determinado momento, o procura por reconhecer nele uma condição de "eleito divino".

Nos dois casos, a vida de ambos foi marcada por tres momentos: 1) a "queda no santo" ou o chamamento divino; 2) o "desenvolvimento" ou a resposta ao chamado; 3) o "viver pro santo" ou cumprimento da missão. Essas tres etapas fizeram parte de um processo que não admitiu recusas, de tal forma que, entre o primeiro e o segundo momentos, quando eles relutaram, foram castigados com aflições das mais diversas ordens (doenças orgânicas, "sofrimentos", "perturbações", etc.). A resposta ao chamado, se por um lado resolveu essas aflições pessoais, criou, por outro lado, problemas de uma nova ordem, tais como: a "saída de casa", o rompimento com a família, a abdicção por uma possível vivência conjugal, e até mesmo o abandono do emprego, pois a "vivência no santo" exigiu deles como se viu, dedicação total e vida solitária, não sendo importância os meios pelos quais estas condições foram conseguidas.

Por outro lado, a "vida no santo" se transformou para eles num mundo de valores que foi oposto e muitas vezes, rompedor com os valores da "vida na terra". Este rompimento, além de colocá-los à margem do mundo dos homens, ainda fez com que eles terminassem sendo estigmatizados e estereotipados pela sociedade por sua condição de "mineiros". Isto porque a sociedade de tinha uma percepção diferente, quer da, sua carreira, quer do seu papel de "pai-de-santo". Para ela, os desmaios que anunciam o chamamento divino significa que os médiums são doídos (19). O fato de uma pessoa ter um tipo de atividade profissional que não seja emprego fixo assalariado, e que ganha a vida jogando cartas e búzios significa, uma "vida de vadiagem" levada por uns "boas vidas" que vivem de enganar os outros". O comportamento desregrado, que é para o médium uma forma de castigo pela sua indecisão diante do chamamento divino, para a sociedade não passa de "vagabundagem". A abdicção que o médium faz de sua vida conjugal como solução que não atrapalha o cumprimento de sua missão, é para a sociedade uma consequência

[19] Caso que aconteceu com Jait, militar que servia na Armada, que, por haver se incorporado no quartel, acabou baixa com atestado de insanidade mental. Atualmente é "pai-de-santo" dos mais renomados de Belém.

esperada, uma vez que todo "macunheiro" é sempre tido como uma "bicha", um "gilete" ou uma "saboeira". O "pai-de-santo" no entanto, em determinado momento não hesita por uma separação inevitável deste mundo e, abdicando dele, passa a viver o seu domínio carismático como oposto de toda economia ordenada, governando em virtude da missão divina encerrada em seu dom (Weber, 1969:284/285), para cumprir sua "missão" de "curar", de "consolar" e de "ajudar" os necessitados.

Satisfazendo as expectativas das pessoas, ele automaticamente faz um investimento social de onde obtém sempre um pagamento. O primeiro sinal de pagamento é a formação de um grupo de pessoas em torno de si, que passa a sustentá-lo. Mas, uma vez formado o grupo, ele deverá ter habilidade em controlar e manter o grupo unido para que, dele receba um apoio cada vez mais efetivo. Em outras palavras: o seu sucesso depende de sua habilidade em saber controlar o aspecto espiritual e material de sua profissão. A essas habilidades chamêi-as de "competências".

3.1 - PRIMEIRA COMPETÊNCIA: - ESPIRITUAL

A expressão "competência espiritual" significa o domínio da prática mágica e o conhecimento das regras do sistema que o "pai-de-santo" deve ter. Em primeiro lugar, o "pai-de-santo" mostra-se sagaz quando, na prática, estrutura as "encantarias", não da forma simplista pela qual as "encantarias", são definidas (gráfico I), porém, redefinindo o espaço sagrado (Gráfico II) ele recoloca os espíritos delimitados: de um lado pelas fronteiras do domínio I, (definido como o Céu: a distância; o mundo de Deus, dos santos; o domínio do Bem, da Moralidade e o reino de Oxalá) e, de outro lado, pelas fronteiras do domínio 2, (próximo; domínio dos Homens; é a terra-lugar do mal, da Imoralidade, do reino onde dominam os "espíritos travessos"). Apesar de admitir as correlações Bem - Distância e Mal-Proximidade, certas categorias como os: *seketés*, *maná*, *zadés*, etc., ainda ficam distantes, o que ele explica "Oxalá não desce, mas envia seus emissários para fazerem o Bem". Nesse sentido, ele faz existir e circular entre os dois domínios, os *metázes* que são espíritos do Bem, a um nível bem próximo dos Homens. Isto permite que os clientes mantenham contactos diretos e frequentes com as forças do Bem, durante os "trabalhos de cura", realizados semanalmente em sua casa de cul

to (20). Do mesmo modo, ele faz existir contactos frequentes entre "filhos-de-santo" e entidades ambivalentes (caboclos é g xua). Tal redefinição da estrutura dos "encantados" passa então a ser estratégia para o "pai-de-santo" que, por meio dela, alcança três objetivos: 1) legitima seu poder "no santo"? 2) controla sua casa de culto, e 3) recuperar-se moralmente diante do consenso.

3.1.1. - LEGITIMAÇÃO DO PODER

Para entendermos este primeiro mecanismo, temos que admitir como o fato de que a maior parte de médiuns e clientes dos "pais-de-santo", são pessoas convertidas, que pertencem ou pertenceram ao catolicismo. Da admissão podemos intuir que essas pessoas fatalmente acreditam que vivem num mundo de pecado - porque já nasceram pecadoras, e que continuam pecando, sentindo-se, por conseguinte, à margem da "graça divina". Elas parecem viver impregnadas de um complexo de culpa, e visualizam os "espíritos perfeitíssimos" (Deus, Anjos, Santos) como distantes, porque com eles nunca conectaram, e só esperam se encontrar com os "espíritos perfeitíssimos", na trágica situação do "juízo final". Em contraposição, através de sua prática mágica, o "pai-de-santo" dá ao grupo uma mensagem contrária a católica ou seja, uma mensagem de fé, esperança e compreensão, na medida em que explica que Oxalá não "baixa", mas manda seus "emissários" do Bem - os Mestres, que naquele momento estão ali a fácil alcance de todos.

Por outro lado, o grupo não encara seu mundo como possuindo um caráter exclusivamente técnico, pois acredita que nele existem também elementos de ordem sobrenatural (Matta, 1973: 73), no caso em questão, os espíritos. E, uma vez que se admite essa existência, quer me parece que a partir desta admisão que se começa a fazer a legitimação do poder dos "pais-de-santo". No exemplo das duas meninas vítimas de "espíritos obsessores", o "pai-de-santo" foi talvez o único profissional capaz de domar e controlar as forças sobrenaturais malignas que afligiam e prejudicavam as meninas pacientes. Também ele foi aquele profissional competente porque ele autou. Com isso, ele demonstrou aos leigos (clientes), competência na sua profissão, na medida em que demonstrou saber manipular as forças do Bem, conseguindo dominar as forças do Mal em favor das cri-

turas necessitadas. Para os entendidos (demais médiuns) ele provou que realmente conhecia o sistema, pois numa "sessão de cura" fez a "chamada" dos Mestres o que de acordo com as regras básicas do Batuque, eram as que realmente deveriam ser as "chamadas" naquele tipo de "trabalho".

Ainda no exemplo das meninas, vítimas de espíritos obsessores, quando o "pai-de-santo" retirou o espírito obsessor da criança, na verdade ele praticou o Bem, através da expulsão das forças do Mal que a afligiam. Mas automaticamente, ele libertou uma força maléfica, um espírito que (liberto) poderia ou não vir a "perturbar" outra criatura. Disto se conclui que o "pai-de-santo" é o agente que, se por um lado, alivia e cura uma pessoa X, por outro lado ele é o agente que, mesmo de forma involuntária, pode potencialmente vir a perturbar uma pessoa Y. Além disso pode, inclusive, prejudicar outras pessoas deliberadamente, uma vez que se sabe que ele é um indivíduo que goza de intimidade com as desconhecidas forças sobrenaturais.

Quando em transe, os "pais-de-santo" usam suas "marcas registradas", de modo situacional, ou como parte de sua personalidade e de sua identidade.

O uso dos "santos" como "marcas registradas", por qualquer "pai-de-santo", lhe dá chances de poder romper com os valores da sociedade como por exemplo, os padrões de moralidade de Oxumatiê e andrógino - sem que eles respondam pelos seus atos. Sendo "encantados", eles ameaçam a sociedade sob outras formas pois dispendo de forças incontroláveis, eles insistem em desafiar as formas de sanção social de que a sociedade dispõe (21).

(21) Há um ano atrás, saiu num dos jornais da cidade a seguinte manchete: "Fantasmas Assustam Marabáia" (PROVINCIA DO PARÁ 18.01.74, pag. 7, 2ª cad.). Eram pedradas sobrenaturais que atingiam as casas de um conjunto da COHAB, no Bairro da Nova Marabáia: Chamou-se a Polícia:ista fez um inquérito, levou como suspeitos alguns "macubeiros", e tudo quanto souberam foi que as pedradas eram arremessadas em altas horas da noite por uma senhora quando "incubada". Sendo espírito, a polícia se achou sem condições para agir. Dois dias depois, saiu uma segunda manchete no mesmo jornal: Polícia investiga caso da Marabáia: Não pode prender espíritos! A PROVINCIA DO PARÁ, 20.01.74, pag. 7, 2ª cad. Dizia a nota: "dentro desse quadro, portanto, o que se verifica na Marabáia é um fenômeno de efeitos físicos, pois dona Marilene sendo possuidora de mediunidade, proporciona ao espírito vingativo condições de arremessar pedras para a sua residência..."

Também o "pai-de-santo" quando em transe, representa um perigo ao nível individual, quer esteja "puro", quer esteja "incorporado". Se "incorporado" pode "malinar" com as pessoas, e uma vez que, a "incorporação" é um fenômeno incontrolável, o "pai-de-santo" pode se transformar num espírito vingativo ou trevo, praticar o mal, sem poder responder pelos seus atos. Estando "puro", sabe-se que ele tem capacidade e conhecimento suficientes para fazer "demandas" ou retornar "porcarias", até mesmo para seus amigos.

Sucedo que mesmo um "pai-de-santo" tendo atributos negativos e sendo um elemento perigoso aos níveis coletivo e individual, sua aceitação começa no momento em que o grupo percebe que nele reside, paradoxalmente, a defesa do perigo que ele mesmo representa, pois sendo um profissional, ele é das poucas pessoas que sabe controlar e domar as forças sobrenaturais, que são ambíguas e que amedrontam as pessoas. Senão veja mos:

Do ponto de vista dos clientes, a aceitação de um "pai-de-santo" vem de sua competência de ser o único intermediário entre as distantes forças do Bem e elas, criaturas pecadoras e sem merecimento; pois em transe como um "guia da luz" (um doutrinador por exemplo) representa uma forma de perdão ao fácil alcance dos pecadores.

Do ponto de vista dos médiuns, o "pai-de-santo" é aquela pessoa que sabe como aliviar suas "perturbações" (mediunidade mal desenvolvida) e também que lhes sabe ensinar, através do "desenvolvimento", a forma de penetrar em sua nova experiência com o sobrenatural e a lidar corretamente com os seres ambíguos que nele habitam. Assim, sua capacidade e condição constituem as determinantes primordiais da formação de um grupo em torno de si.

3.1.2.- CONTROLE DA CASA DE CULTO

Uma vez estruturada, em cada casa de culto, existem sempre "filhos" rebeldes, bem como um jogo de interesses que cria rixas, ciúmes e focos no grupo. Existe entre os "filhos-de-santo" o desejo de mando, de particular da cúpula dirigente de sua própria casa, ou de ser um assessor direto do "pai-de-santo". A competição interna nas casas de culto (condição inerente e latente, embora sempre negada), é muito fácil de ser comprovada através do comportamento dos médiuns entre si. A

"filha-de-santo" que oferecerá a roupa de *Donna Carolina* para o "pai-de-santo" B usar na sua festa, foi mal vista pelas suas "irmãs-de-santo", que ficaram de "cara virada" para com ela. E a rixa cresceu ao ponto de colocar em choque dois teoreiros e dois "pais-de-santo" que se consideravam amigos. Assim sendo, um "pai-de-santo" necessita ser muito hábil para instaurar a disciplina na sua casa isto é, saber julgar sem ser apontado como parcial. Ao mesmo tempo, deve ser enérgico, pois só assim conseguirá manter a união do grupo do qual ele próprio depende. Tudo isto ele conseguirá se, sabendo usar o sistema, colocar categorias de espíritos positivos e ambivalentes com os quais "trabalhe", no mesmo nível. Com isso fará com que o controle nas casas de culto seja sempre exercido ao nível místico e os castigos aos médiuns sejam sempre decisões dos "encantados". Observa-se, por exemplo, o fato de que dificilmente - para não dizermos nunca - um "pai-de-santo" estando "puro", castiga seus "filhos". Ele poderá admoestá-los e exigir formas de respeito para com sua pessoa, (exigir que os "filhos" lhe tomem a bênção) mas os castigos que os "filhos" recebem são sempre acreditados serem dados pelos "guias" e nunca pelos "pais". Observa-se também que controlar e castigar é uma atribuição do "guia" de comportamento mais ríspido dentre aqueles que o "pai-de-santo" recebe. Por isso, são muito sintomáticos o fato de todo "pai-de-santo" possuir "guias" de personalidades opostas entre si e também "trabalhar" com "guias" que perfazem pares antitéticos em termos de integridade e ambivalência, como sejam: um senhor e um caboclo; um doutinador e um caboclo; um exaltadizo e um "vodunco", e assim sucessivamente. Como consequência, são sempre as entidades ambivalentes que na "cabeça do pai" exigem a frequência dos médiuns nos "trabalhos" da casa. São elas que dirigem as "obrigações" e "desenvolvimentos", que descobrem as "patifarias" dos médiuns e que, por isso, os envergonham publicamente. Que nos "tambores de peia" castigam os médiuns impiedosamente mas que, em outras ocasiões, brincam com os médiuns, dançam contapiadadas jocosas para os frequentadores da casa, alegrando o ambiente e criando um clima de informalidade e confraternização no grupo. Eis então por que um "filho" dificilmente tem queixas de seu "pai-de-santo", mas tem medo, evita e anti-patiza com certos "encantados", ao inverso, simpatiza com tal ou qual "encantado" por admirar-lhe a personalidade e gostar

de conviver com ele (24).

Desse modo, os "pais-de-santo" usam os espíritos como uma forma de equilíbrio entre o castigo e o perdão, entre a ditadura e a democracia. Se por exemplo, durante um "tambor de peia", um "guia" ambivalente e "malino" estiver castigando um filho de forma exorbitante, é quase certo que o "pai" "baixará" um outro "guia" que via de regra será um doutrinador ou um vodunçu e que virará para atenuar o castigo do médium. Esses espíritos que agem como forças que se equilibram, nada mais são do que uma estratégia do "pai", que sabe que deverá manter a disciplina de sua casa de culto de qualquer forma, embora sabendo que essa disciplina não poderá ser ostensivamente rigorosa sob pena de ele perder os "filhos" de quem tanto precisa.

3.1.3.-RECUPERAÇÃO MORAL DE SUA PESSOA

Todos os "pais-de-santo" sabem que estão sujeitos a acusações que muitas vezes dizem respeito à sua vida particular.

Quando "cortados", dizem que "não dão confiança" porque a "vida no santo é do santo, mas a vida da pessoa é da pessoa". Mas eles sabem também que isto é relativo, porque um comportamento desregrado pode contrariar as expectativas do grupo, que não deseja ter um "pai" que "vacila no santo" - à semelhança de Dona Rosalina, (espírito) não aceita um "filho" ladrão "porque isso pode refletir na sua reputação" (Leacqcks, 1972:75).

Sendo um "pai-de-santo" hábil, ele usará o ritual como forma de se recuperar moralmente diante do consenso. A estratégia é sempre por ocasião dos "tambores de peia" ("Peias de santo") quando ele recebe os castigos que merece, explicado aos "guias" como forma de satisfação ao grupo (23).

[22] No "tanteio" "uma menina não suporta Seu João da Matapu que ele briga com ela". Naquela casa elas "são gostam de Dona Mariana Poaque ela quando quer ralar "arteia" e vai pra dentro e manda chamar em particular".

[23] A é apontado como um dos "pais-de-santo" que mais "se mete na bandalheira", e também dos que mais "apanham na Alteluá". Em 1967, ele "apanhou" tanto no seu "tambor de peia" que teve uma vida "artejada", tendo de ser levado "incorporado" e de emergência para o Pronto Socorro. Os seus "filhos" e demais médiums interpretaram a "peia" como sendo um "alerta" de Seu João que andava aborrecido com as "cachaçadas" dele.

Esse recurso serve também para demonstrar ao grupo que os "santos" são imparciais, justos e infalíveis. E, uma vez que no transe, ele e o "santo" são uma só pessoa, consequentemente é mais um reforço de seu poder.

É possível pois concluir-se que, parte da legitimação de um médium como "pai-de-santo" vem da sua competência sobre o sistema, aliada à sua condição ambígua de ser simultaneamente, "perigo" e "proteção do perigo".

Em consequência da condição "proteção perigo", inerente aos "pais-de-santo", estabelece-se entre estes e o grupo, formas de contrato que seriam os "trabalhos" (de "cura" ou "defesa"). Por sua vez, esses "trabalhos" trazem vantagens para as duas partes. O grupo lucra à proporção que se torna um aliado daquele agente do "perigo", enquanto que o "pai-de-santo" igualmente lucra porque, além de se impor como "poderoso" e se definir como "bom no santo", passa a possuir um grupo (sua casa de culto) que o sustenta. Mas, dissemos que o "pai-de-santo" não podia ostentar as doações, sob pena de ser acusado de "aproveitador de sua comunidade" e ficar desanancado pelo grupo, isto significa dizer que o sucesso do "pai-de-santo" também deva ser explicado por uma outra ordem de competência.

SEGUNDA COMPETÊNCIA: - MATERIAL

"Competência: - Material" significa a capacidade do "pai-de-santo" em conseguir e bem utilizar os bens materiais que recebe do grupo que o cerque.

No seu relato o "pai-de-santo" diz dedicar-se oito horas por dia aos seus clientes, recebendo ou não pagamento pelos seus trabalhos. E, embora se declarando "cansado do Pau-de-arara" ele agia daquela maneira porque a prática da caridade "fazia parte de sua missão", pois ele devia "dar de graça o que de graça havia recebido". Aliás, a prática da "missão" era uma ação comum dos "pais-de-santo", e cada um deles, "manifestado" ou "puro", dava proteção espiritual e apo

io moral a todas aquelas pessoas que a ele recorriam (24).

Sucedo que a "missão" daqueles "pais", se bem praticada, transforma-se em vantagem para eles na medida em que as pessoas que os procuram e são atendidas, se sentem na obrigação de agradecer, de algum modo, aos favores e atenções recebidas (25).

O "pai-de-santo" A como Seu Juremeia, resolve um problema na vida de uma mulher e recebe como pagamento uma "roupa de veludo vermelho toda bordada" e mais o "emprego" de "balorix". Graças aos seus "trabalhos" o marido de uma de suas "filhas" alcançava algo impossível e, em sinal de agradecimento, "vestia o santo dele e gastava tudo" no patrocínio de sua festa. B como Dona Mariana atendeu à clientela de seu amigo, ficou conhecido, adquiriu uma clientela própria constituída de "pessoas mais elevadas" e ganhou novo status social, abandonando sua profissão de cozinheiro de pensão de meretrício, tratou e resolveu os problemas pessoais das clientes e ganhou "filhas-de-santo", curou doenças incuráveis dos vizinhos e ganhou clientes e fama. Dessa forma, "pais" e "mães-de-santo" não são assalariados e apesar de tudo não são Misérrimos graças às doações que seus "filhos", clientes e amigas lhes fazem. Em todas as casas de culto essas doações ocorriam em tres ocasiões regulares:

- 1) doações cotidianas; 2) doações em datas significativas; 3) doações em dias de festas dos "santos" da casa.

(24) Luiza, "filha-de-santo" de Hêlio, viera do Maranhão fugida de anos de sofrimento e maus tratos "nas mãos do marido". Ameaçada de morte, sem emprego, com filhas criadas "para dar de comer", contou que ficaria na casa de seu "pai" que lhe dera casa, comida e a protegera das ameaças do marido. E lá permaneceu até o dia em que conseguiu se empregar e reorganizara sua vida. Fátima "filha" de Belmino, tinha problemas sérios com um filho (então) marginal, tinha problemas sexuais com um filho e não via solução senão mandá-lo para uma colônia correccional. Fátima contava chorando seu sofrimento e afirmava: "Deus me leve se eu não tivesse um "pai-de-santo" que me confortasse". E dizia: "meu "pai" é tudo para mim".

(25) O dever da reciprocidade ocorria mesmo entre as pessoas que eram conscientes do mecanismo da troca social que consistia de forma subjacente (eu dava pequenos presentes aos "pais-de-santo" porque me sentia na obrigação de contribuir as honras que eles gastavam comigo, respondendo tudo quanto eu lhes perguntava).

De minha experiência observei que cada indivíduo carregava diariamente para o conjunto (casa) sua parcela particular de contribuições. Raros eram os dias em que o pai deixava de receber pequenos presentes, como cigarros e jornais. Se um "filho" preparava um bom petisco em sua casa, levava uma "prova" para o "pai". Se alguma construção era iniciada no terreiro, havia sempre alguém que se prontificava a doar areia, cimento, tijolos, alegando que "tinha um resto em casa". E chegamos mesmo a constatar que os presentes iam desde simples objetos de uso doméstico (copos, xícaras para cafezinho) até ranchos de armazém.

Em datas significativas (aniversário do "pai", Natal, Páscoa, Dia dos Pais, Dia das Mães), os presentes tornavam-se mais personalizados, e incluíam objetos de uso pessoal (confeções, artigos de "toilette", tecidos, "bijouterias"), artigos de luxo e bens superfluos ("posters" do "pai", adornos para o lar) e até eletro-domésticos de valor (rádios, eletrolas, aparelhos de T.V., geladeiras).

Havia uma diferença das doações entre si, pois as do último tipo (em dias de festa dos "santos") existiam de forma menos voluntária do que as outras duas. Em dias de festa do "santo", cada pessoa, fosse ela "filho", cliente ou amigo da casa, se sentia na obrigação de contribuir com flores de ornamentação, bebidas, comidas, toalha para o altar, fogos - tudo isso com a finalidade de garantir o sucesso da festa. Dependendo do planejamento da festa, os "filhos" e alguns clientes e amigos podiam, caso quisessem e pudessem, participar de um grupo de trabalho que funcionava num misto de equipe e putium. Nessas festas, as doações mais espontâneas diziam respeito à "roupa do santo", que quase sempre era presente de algum "filho", cliente ou amigo.

3.2.1. - O MECANISMO DAS TROCAS SOCIAIS

A medida que se seguia de perto as doações existentes nos terreiros, percebia-se que elas revelavam um intenso mecanismo de trocas recíprocas entre um "pai-de-santo" e as pessoas que frequentavam uma casa de culto. Se, por outro lado, compreendíamos trocas recíprocas (que será o caso) como todas as formas materiais e imateriais de dar e receber. (26).

[26] No sentido do "Sistema das Prestações Sociais" (Mauss, 1950:157).

tão podíamos afirmar que em toda e qualquer casa de culto a norma de reciprocidade era uma constante nas relações sociais, e surgia sempre que o princípio do "dar de graça o que de graça recebeu" era cumprido. Se um "pai-de-santo" cumpria este princípio, ele dava início a um circuito de circulação de bens de ordens diversas, com pessoas diversas e isto lhe era vantajoso na medida em que, como dissemos anteriormente, ele tinha seu sustento garantido e seu status assegurado.

As trocas perfaziam um circuito que começava fechado na rede interna das casas de culto e que terminava por se abrir e se estender para a sociedade envolvente (Gráfico III). Um gráfico hipotético, mas construído a partir dos casos concretos observados, nos mostra que a circulação das trocas ocorria em dois tempos. No primeiro tempo o "pai-de-santo" "pu" ou "incorporado" dava "proteção espiritual" ou "desenvolvimento" para seus "filhos-de-santo"; fazia "vibrações" ou dava "conforto espiritual" para os amigos e fazia "curas" nos clientes. Como as "curas" eram sempre numerosas e cansativas o "pai-de-santo" necessitava da ajuda dos médiuns da casa (seus "filhos"), que dessa forma davam préstimos mágicos às pessoas através do seu "pai-de-santo" como um agente difusor de dádivas materiais para seus "filhos", clientes e amigos, ao mesmo tempo em que era um receptor das doações também materiais (ajuda nos "trabalhos"), as quais transmitia de imediato aos clientes. Considerando-se que havia reciprocidade nas trocas, existia sempre a possibilidade de um cliente curado gratuitamente pelo "pai" retribuir, na primeira oportunidade, aquilo que havia recebido. Geralmente essa retribuição era feita em termos de dádivas materiais, onde muitas vezes o próprio cliente recorria a uma terceira ou quarta pessoa sua amiga. Era o caso na circulação dos remédios. Por vezes o "pai-de-santo" adoecia com "doença do corpo" e precisava de uma série de medicamentos que, sendo caros, não podia adquirir. Então o cliente - que tinha entre seus parentes, amigos ou conhecidos, um médico, um propagandista ou um enfermeiro - conseguia amostras dos remédios e os dava para o "pai". Algumas vezes o próprio "pai" pedia, para fazer caridade a um irmão necessitado, dessa forma, suprimindo as suas necessidades e as do grupo, através das manipulações que fazia na sua rede de relações sociais.

No caso dos amigos, o processo de doação-pagamentos

das dádivas era idêntico. Muitas vezes assistíamos a mães aflitas com seus filhos ou maridos desregrados, irem se queixar a um "pai-de-santo". O "pai" as confortava, por vezes lhes dava um "passe", e sempre prometia fazer preces e "vibrações" por aquela pessoa desesperada. Por vezes mandava mesmo que a mãe troxesse seu filho para "passar um tempo no terreiro". A pessoa recebia o favor, agradecia, procurava retribuir a caridade que havia recebido - o que sempre fazia de forma material. E, como consequência, raros eram os dias em que o "pai-de-santo" não recebia um peixe para seu almoço, um queijo para seu café, um doce para sua sobremesa em doações cotidianas. Os "filhos" que recebiam a "proteção de seu pai", igualmente retribuíam da forma que podiam, e ainda que essas retribuições fossem constantes (ajuda nos "trabalhos") ou fosse mais observada por ocasião das "festas dos santos", os "filhos-de-santo" constantemente também recorriam a terceiros, com o objetivo de conseguirem ajuda para seu "pai" - ou sua "casa". Muitas vezes assistimos a "filhos-de-santo", por livre decisão, correrem listas de cooperação entre amigos, clientes e "irmãos", para tentar angariar fundos para fazer reparos no terreiro de seu "pai". Em casos de doença do "pai", observamos também que seus "filhos" recorriam aos amigos, no sentido de conseguirem dinheiro para ajudar no custeio do tratamento do "pai".

O "pai-de-santo" era portanto um receptor das dádivas oriundas de fontes diretas e internas ("filhos", clientes e amigos) e indiretas e externas (amigos dos "filhos", amigos dos clientes, amigos dos amigos). Esse instante hipotético de convergência era um segundo momento no circuito da circulação de bens, e no qual o "pai-de-santo" funcionava como um centralizador de bens. (27) O maior ou menor volume das trocas, evidentemente era função do maior ou menor número das fontes de doação, e também determinava a existência de terreiros ricos e pobres.

Por isso, existiam "pais-de-santo" que apresentavam um

(27) A mesma colocação foi feita por Fry em seu trabalho sobre a homossexualidade masculina e a posseção por espíritos (Fry, 1974). Onde diz que o "pai-de-santo" é o centro de uma rede de redistribuição onde as vantagens materiais são trocadas por dinheiro que vem do público em geral e dos filhos-de-santo, e onde o dinheiro é investido no terreiro, o qual se torna um símbolo de sucesso. Os componentes cruciais dessas trocas seriam de ordem material e mágica. (Fry-1974:20).

padrão de vida mais alto, e que possuíam terreiros considera-
dos mais "ricos", em razão da clientela que, sendo grande, fa-
zia com que neles "entrasse mais dinheiro" e, consequentemen-
te, que as instalações e o passadio fossem melhores. Mas, se
a Clientela era grande, e grande era o dinheiro que "entra-
va", os "pais" nunca podiam usufruir sozinhos daquela "rique-
za" porque, além de correrem o risco de descrédito, constata-
mos que em todos os terreiros havia sempre um grande número
de pessoas dependentes do "pai-de-santo". Nos terreiros "ri-
cos" aquela maior "riqueza" era partilhada diariamente por um
excedente de cinco a dez pessoas, além do número fixo de mora-
dores da casa. O número de pessoas fixas em cada casa de cul-
to era sempre em torno de seis, entre "pai", "mãe", filhos de
criação, irmãos de criação, "crias" da casa, que normalmen-
te eram uma herança da casa dos pais consanguíneos do "pai",
"mãe-de-santo". Algumas vezes os irmãos e filhos de criação do
"pai" casavam, mas continuavam a residir no terreiro, com mu-
lher e filhos. Estes, podiam ou não converter-se à crença mas,
de uma forma ou de outra, tinham para com o "pai" um relaci-
onamento de consanguineidade - passando inclusive a tratar o
"pai-de-santo" como "pai" e "avô". Quanto aos excedentes, es-
tes eram sempre crianças órfãs que eram "dadas" ao "pai-de-san-
to" para ele "acabar de criar", ou eram jovens indisciplinados
que a família, sem condições de dominá-los, mandava "passar um
tempo" no terreiro para que eles pudessem aprender um pouco de
disciplina. Geralmente, sobre esses jovens, dizia-se que eles
"estavam acompanhados de algum exu". Eram quase sempre filhos
de clientes e amigos da casa, e muitas vezes seu comporta-
mento era o que havia motivado a ida e frequência daquele clien-
te ao terreiro. Chegamos a constatar em terreiros, a existên-
cia de filhos de clientes de recursos (comerciantes) que pos-
suíam problemas mentais, mas cujos pais, sem coragem de inter-
ná-los em asilos, aceitavam a oferta do "pai-de-santo" que se
comprometia a cuidar deles, por ser muitas vezes a única pes-
soa que conseguia aplicar-lhe os medicamentos. Visto sob ou-
tro prisma, o hipotético segundo momento do circuito das tro-
cas, podia definir o "pai-de-santo" como um homem rico e im-
portante que era capaz de carrear e atrair para sua casa bens
materiais, atenção e cortesia das pessoas. Mas, ao mesmo tem-
po ele podia ser considerado um homem pobre, quando era obrí-
gado a redistribuir com seus dependentes tudo quanto recebia.

3.2.2. - A CHAVE DO SUCESSO

Poder-se-ia pensar que o "pai-de-santo" com maior nú-
mero de dependentes e agregados fosse aquele "pai-de-santo" vi-
vendo a situação de eterna pobreza. Talvez assim o fosse se a
riqueza para os "pais-de-santo" significasse poupança. Mas, uma
vez que a riqueza do "pai-de-santo" é sua notoriedade e seu
prestígio, para ele será muito mais vantajoso investir em pes-
soas do que em coisas, numa situação equivalente ao mecanismo
dos "potlatch" estudados por Mauss (1950:149 segs). Quero di-
zer: para um "pai-de-santo", o consumo e a destruição dos bens
materiais que adquire devem ser ilimitados, pois o maior pres-
tígio será atribuído àquele "pai-de-santo" que for o mais rico
por ser o mais perdulário, pois se ele tem para dar é porque
ele tem condições de obter. E ele obterá mais, na medida em
que dê mais. Sendo ele um não-assalariado, ele terá que, atra-
vés de seus "trabalhos" e "toques" obter bens de fora, e eis
porque um "pai-de-santo" enfrenta um "pau-de-arara" até a tar-
de da noite. É que, aparentemente desinteressado, o atendimen-
to que faz é importante porque cria uma obrigatoriedade de pa-
gamento, o qual, uma vez realizado, lhe dá condições de, em
primeiro lugar, sustentar o grande número de agregados do quem
ele depende para a gerência e manutenção de seu terreiro. Sus-
tentando seus dependentes, ele satisfaz às expectativas do gru-
po que cada vez mais o verá como um indivíduo bom, generoso,
e que realmente pratica a caridade, da "missão divina" que lhe
foi confiada.

Em síntese, para ser bem sucedido, terá de ser um agen-
te de bens imateriais e um bom gerente de utilidades materi-
ais. Evidentemente, ele viverá de trocas, mas trocas que terão
de ser feitas sob forma de dadas. Porque isso não somente im-
plica na obrigação da retribuição por parte de alguém que as
recebeu, como supõe dois outros momentos importantes: de um la-
do, a obrigação de dar; de outro, a obrigação de receber (Mauss
1950:161), o que lhe confere um prestígio que o torna importan-
te para merecer e receber as homenagens de sua posição. As pro-
vas dos prestígios de um "pai-de-santo" de sucesso, ele as tem
quando é procurado por uma clientela numerosa onde se incluem
"pessoas mais elevadas". Quando é procurado por "doutores" (pes-
quisadores) ou estudantes universitários. Ou ainda quando é
convidado para participar e dirigir rituais seja na federação,

ou mesmo em casa de amigos. Essas solicitações que ele atende e retribui com respeito e cortesia só lhe trazem vantagens, pois representam demonstração de seu valor.

Além do prestígio que lhe dá, significa uma forma de aliança e de comunhão entre eles e seus aliados (federalizados) (28) entre ele e seus opositores (dissidentes), com pessoas e métricas ao seu status social ("filhos", clientes e amigos), e assimétricos nos termos de classes sociais ("pessoas mais elevadas").

Resumindo, diríamos que ele precisa, cada vez mais, ampliar seus investimentos sociais - o que ele conseguirá à proporção que acrescente novos contactos na sua rede de relações sociais. Os dados empíricos confirmam essa proposição pois os "pais-de-santo" de mais sucesso em Belém, são aqueles cuja rede, extrapolando as fronteiras de suas casas de culto, se dá em âmbito da comunidade; alcançando contactos inter-estaduais e, por vezes, internacionais. O "pai-de-santo" A por exemplo, tem amigos na Bahia e no Rio de Janeiro graças aos quais teve a possibilidade de conhecer a África, de muita gente boa. A e B têm clientes e amigos em Manaus, o que lhes é muito útil "profissionalmente", não só pela facilidade que eles têm em conseguir material para suas "curas", como também pelo que eles mesmos confessam: "quando o negócio tá ruim (pouca clientela) por aqui a gente faz uma viagem prá Manaus".

Na rede dos "pais-de-santo" de sucesso - como é o caso de A e B - estão incluídas de forma direta e, na maioria das vezes, indiretamente, pessoas que detêm ao nível local, o poder político e sobretudo econômico. São geralmente altos comerciantes, industriais, profissionais liberais, gerentes de empresas bancárias, ou seja, pessoas que dominam os setores importantes da sociedade como sejam: saúde, educação, imprensa, comércio e indústria que, manipulados direta ou indiretamente, representam lucro para o "pai-de-santo". Assim sendo, poderíamos generalizar e dizer que possuir uma rede de relações sociais do tipo que A e B possuem é imprescindível para que um "pai-de-santo" alcance o sucesso. Ter clientes em número crescente representa a nova abertura na rede, o que significará para ele ser o credor de um número cada vez maior de devedores.

(28) Também pode ser mais uma proposta e frêgua, uma que todo "pai-de-santo" é um potencial de outro igual.

como também a existência de um maior número de bens circulantes. E, na medida em que a rede ao se abrir, cruza categorias' de status e classe social, isto significa que o "pai-de-santo" através dos seus contactos e das manipulações de sua rede, consegue aliar extratos sociais distintos: por exemplo, o seu e aquele do qual faz parte um Gerente de Banco. Se, por outro lado, os representantes das camadas altas, chegam até ele de forma direta, como clientes (de "cura" ou simples consultantes de carta), este fato aumentará seu prestígio e notoriedade - não apenas pelas "boas amizades" em si mesmas, mas sobretudo pelo aumento de legitimação de seu "poder no santo". Assim, quer nos parecer que o sucesso de um "pai-de-santo", independentemente de sua competência espiritual consiste, em primeiro lugar, no fato de ele saber investir sobre pessoas. Se ele consegue ser um bom investidor automaticamente conseguirá transpor sua casa de culto num sistema auto-alimentável no qual ele como centro, terá que funcionar como uma central de abastecimento e redistribuição da corrente de bens circulantes.

Finalmente, se tivéssemos que estabelecer uma regra geral para o sucesso de uma casa de culto (portanto, de um "pai") diríamos que nela a reciprocidade teria de ser bastante difusa, ou a "reciprocidade generalizada" de que falou Sahlins (1965:147), que ao operar, cria um débito permanente para com ela. Este seria o processo "natural" que permitiria ao "pai-de-santo" manifestar sua superioridade, ser mais, ser mais alto, o "magister" (Mauss, 1950:269), e onde as pessoas que aceitam suas ddividas, retribuindo menos; "subordinam-se, tornam-se clientes e servidores, tornam-se pequenos". (Idem:270).

- BECKER, Howard S. - *Outsiders in the Sociology of Deviance*. New York, The Free Press, 1963.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de - *Kandecismo e Umbanda*, São Paulo, Pioneira Ed. 1961.
- CARNEIRO, Edilson - *Os Cultos de Origem Negra no Brasil em Decadência*, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1959.
- FRY, Peter - *Male Homosexuality and Spirit Possession in Brazil*. (1974 Meeting) México, 1974. mimeo.
- FRY, Peter H. and HOWE, Gary N. - "Duas Respostas à Aflição.Umbanda e Pentecostalismo"...Debate e Crítica. julho de 1975.
- GLUCKMAN, Max and DEVONS, Ely - *Closed Systems and Open Mind: The Limits of Naivety in Social Anthropology*. London, 1964.
- GOFFMAN, Erving - *Estigma*. Buenos Aires. Amorrortu Editores, 1970.
- LANDES, Ruth - *A cidade das Mulheres*. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira, 1967.
- LEACOCK, Seth and Ruth - *Spiritism of the Deep: a study of an Afro-Brazilian Cult*. New York, The American Museum of Natural History, 1972.
- LEWIS, Ioan M. - *Ecstatic Religion*, Harmondsworth: Penguin Books, 1971.
- MATTA, Roberto A. da - *Ensaio de Antropologia Estrutural*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1973.
- MAUSS, Marcel - *Sociologie et Anthropologie*. Paris, Presses Universitaires de France, 1950.
- PROVÍNCIA DO PARÁ, A - Edições de 18.01.74 e 20.01.74. Belém.
- SANLINS, Marshall D. - *On the Sociology of Primitive Exchange*, Monogr-1, 1968.
- WEBER, Max - *Ensaio de Sociologia*, Rio de Janeiro, 2a. edição, Zahar Ed., 1971.
- WORSLEY, Peter - *The Trumpet Shall Sound - a study of "Cargo" Cults in Melanésia* - London, Mac Gibbon and Kee, 1963.

ESTUDO DE DESVIO SOCIAL EM UMA FEIRA DE BELÉM

Manoel Alexandre Ferreira da Cunha
Universidade Federal do Pará

Para a análise do papel social desviante nas relações inter-grupos escolheu-se a Feira do Ver-o-Peso e uma Instituição Civil-religiosa, que realiza trabalho de "promoção social".

A Feira é frequentada diariamente por pessoas na faixa etária entre 4 e 17 anos, cujas ocupações são: Vendas de sacos de papel, limão, cheiro-verde e outros serviços prestados para as feirantes ou para as pessoas que vão ali realizar compras. Estes vendedores de 4 à 17 anos, são os mesmos sobre os quais a Instituição dirige a sua atenção.

A pertinência teórica deste estudo está caracterizada pelas representações que as pessoas fazem dos "menores"⁽¹⁾: " Nas feiras estamos expostos a sermos roubados, pois proliferam uma quantidade de garotos marginais", "não merecem confiança".⁽²⁾

Do ponto de vista prático o estudo da Instituição é importante, por ela configurar-se criticamente à uma série de outras experiências, como apresentar-se uma proposta nova à resolução do problema do "Menor Marginalizado" "progressista", ou ainda realizar "Uma obra promocional para menores, que aplica uma metodologia nova, partindo da realidade concreta".

Esta pesquisa permitiria saber-se; então o quanto este tipo de proposta está ou não contribuindo para a continuidade desta sociedade desigual e estigmatizadora, possibilitando ao mesmo tempo a busca de formas mais concretas de transformação social.

CARACTERIZAÇÃO DO UNIVERSO

A Feira funciona diariamente das 6:00 às 14:00 Horas; si

⁽¹⁾ Passar-se-á a utilizar esta categoria classificatória quando nos referirmos as "pessoas de 4 a 17 anos e vendedores", por conveniência, apesar de saber-se que é só uma classificação jurídica ou seja, um "título" cultural.

⁽²⁾ As citações aspedadas sem referência constam de declarações de entrevistados ou de documentos escritos.

⁽³⁾ Trabalho apresentado para seleção ao Curso de Mestrado em Antropologia Social da Universidade de Campinas (UNICAMP).